

AS DESVENTURAS DE



"Nós precisamos de mais
livros como esse."
WASHINGTON POST

VENCEDOR *do*
PULITZER
de FICÇÃO
2018

ARTHUR LESSES

ANDREW SEAN GREER



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Greer, Andrew Sean, 1970-

As desventuras de Arthur Less [recurso eletrônico]/
Andrew Sean Greer; tradução de Márcio El-Jaick. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2019.

recurso digital

Tradução de: Less

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11757-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos I. El-Jaick,
Márcio. II. Título.

19-56711

CDD 813

CDU 82-3(73)

TÍTULO ORIGINAL:

LESS

Copyright © 2017 by Andrew Sean Greer

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram
assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente
para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21)
2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11757-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e
receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para Daniel Handler

SUMÁRIO

Less num primeiro momento

Less mexicano

Less italiano

Less alemão

Less francês

Less marroquino

Less indiano

Less afinal

LESS NUM PRIMEIRO MOMENTO

Do meu ponto de vista, a história de Arthur Less não é tão terrível assim.

Olhe só para ele: sentado no luxuoso sofá redondo do saguão do hotel, todo empertigado, o terno azul e a camisa branca, as pernas cruzadas de um modo que o mocassim de verniz fica frouxo no calcanhar. A pose de um jovem. Na verdade, a sombra delgada ainda é a do jovem de outrora, mas, às vésperas dos 50 anos, ele é como uma daquelas estátuas de bronze dos parques públicos que, mesmo com um joelho sortudo esfolado pela fricção de crianças em idade escolar, descoram lindamente até ficar do tom das árvores. Assim como Arthur Less, tendo exibido o rosa-dourado da juventude um dia, desbotou como o sofá em que está sentado, batendo um dedo no joelho e encarando o relógio carrilhão pedestal. O longilíneo nariz aristocrático permanentemente queimado de sol (mesmo no outubro nublado de Nova York). Os cabelos loiros desbotados compridos demais no topo da cabeça, curtos demais nas laterais — uma cópia do avô. Aqueles mesmos olhos azuis aquosos. Escute: talvez você consiga ouvir o tique-taque,

tique-taque, tique-taque da ansiedade enquanto ele encara o relógio que, infelizmente, não está tiquetaqueando. Parou de funcionar há quinze anos. Arthur Less não sabe disso; ele ainda acredita, do alto da sua maturidade, que assistentes de eventos literários chegam na hora para acompanhar autores e que mensageiros de hotel dão corda nos relógios do saguão religiosamente. Ele não traz um no pulso; sua fé é inabalável. É mera coincidência que esse do hotel tenha parado às seis e meia, quase na hora exata em que Less deve ser levado para o evento desta noite. O coitado não sabe, mas já são quinze para as sete.

Enquanto ele aguarda, circula sem parar pelo saguão uma moça de vestido de lã marrom, uma espécie de beija-flor de tweed, polinizando primeiro esse grupo de turistas aqui, depois aquele ali. Ela afunda a cabeça num aglomerado de poltronas, fazendo uma pergunta específica, e então, insatisfeita com a resposta, parte em busca de outro. Less não repara nela fazendo sua ronda. Está concentrado demais no relógio quebrado. A jovem se dirige ao recepcionista do hotel, em seguida ao elevador, dando um susto num grupo de senhoras a caminho do teatro com trajes exageradamente chiques. Para cima e para baixo oscila o sapato frouxo de Less. Se estivesse prestando atenção, talvez tivesse ouvido a pergunta ávida da mulher, que explica por que, embora se dirija a todas as outras pessoas no saguão, jamais a faça a ele:

— Com licença, a senhora é a sra. Arthur?

O problema — que não se resolverá neste saguão — é que a moça acha que Arthur Less é mulher.

Em sua defesa, ela só leu um dos livros dele, num formato eletrônico que não trazia foto, e achou a narração tão cativante, tão convincente, que teve certeza de que apenas uma mulher poderia tê-lo escrito; deduziu que o nome fosse uma dessas esquisitices de gênero americanas (ela é japonesa). Isso, para Arthur Less, é uma crítica positiva rara. Mas de pouco lhe serve no momento, ali sentado no sofá redondo, de cujo centro cônico emerge uma palmeira de tronco oleado. Pois agora já são dez para as sete.

Arthur Less está aqui há três dias; veio a Nova York para entrevistar o famoso escritor de ficção científica H. H. H. Mandern no palco de um evento, a fim de comemorar o lançamento do novo livro de H. H. H. Mandern; nele, o autor traz de volta à vida seu robô sherloquiano extremamente popular, Peabody. No mundo dos livros, essa é uma notícia digna de estampar a capa dos jornais, e há muito dinheiro retinindo nos bastidores. Dinheiro na voz que ligou do nada para Less, perguntando se ele estava familiarizado com o trabalho de H. H. H. Mandern e se estaria disponível para entrevistá-lo. Dinheiro nas mensagens da assessora de imprensa instruindo Less sobre as perguntas que estaria terminantemente proibido de fazer a H. H. H. Mandern (a esposa, a filha, a coletânea de poemas mal recebida pela crítica). Dinheiro na escolha do local do evento, nos cartazes espalhados por todo o Village. Dinheiro no Peabody inflável sendo castigado pelo vento em frente ao teatro. Dinheiro até no hotel em que Arthur fora hospedado, onde lhe indicaram uma pilha de maçãs de

“cortesia”, que ele pode pegar a qualquer hora, do dia ou da noite, não há de quê. Num mundo onde a maioria das pessoas lê um livro por ano, há muito dinheiro investido na esperança de que esse seja o livro e que esta noite seja o glorioso pontapé inicial. E eles estão contando com Arthur Less.

Ainda assim, obedientemente, ele fita o relógio parado. Não vê a moça que está ali para acompanhá-lo, em pé ao seu lado, aflita. Não a vê ajeitando a echarpe, depois saindo do saguão pela máquina de lavar que são suas portas giratórias. Veja o cabelo ralo no alto da cabeça dele, o rápido piscar de olhos. Veja sua fé pueril.

Certa vez, aos 20 e poucos anos, uma poeta com quem estivera conversando apagou o cigarro num vaso de planta e disse: “Você parece uma pessoa sem pele.” Uma poeta tinha dito isso. Alguém que ganhava a vida se esfolando viva em público tinha dito que *ele*, o alto, jovem e promissor Arthur Less, parecia uma pessoa *sem pele*. Mas era verdade. “Você precisa desenvolver uma casca”, seu antigo rival, Carlos, lhe dizia com frequência, nos velhos tempos, mas Less não tinha descoberto o que isso significava. Ser cruel? Não, significava se proteger, se blindar contra o mundo, mas é possível alguém “desenvolver” uma casca mais do que é possível “desenvolver” um senso de humor? Ou dá para simular, da mesma forma que um executivo sem graça decora piadas e é considerado “hilário”, indo embora das festas antes que o repertório acabe?

Seja o que for — Less jamais aprendeu a fazê-lo. Aos 40 e muitos, tudo o que conseguiu cultivar foi um leve senso de

identidade, semelhante à carapaça transparente dos caranguejos de casca mole. Uma crítica medíocre ou uma leve esnobada já não o atingem, mas dor de cotovelo, uma dor de cotovelo real e irrestrita, é capaz de perfurar seu couro fino e fazer brotar o mesmo tom de sangue de sempre. Como pode tanta coisa se tornar enfadonha na meia-idade — filosofia, radicalismo e outros *fast foods* —, mas *dor de cotovelo* se manter tão mordaz? Talvez porque ele encontre novas fontes para ela. Até velhos medos ridículos jamais foram dominados, apenas evitados: ligações telefônicas (discando os números freneticamente, como um homem decifrando o código para desarmar uma bomba), táxis (se atrapalhando com a gorjeta e saltando do carro como se fugisse de um sequestro) e conversas com homens atraentes ou celebridades em festas (ainda ensaiando mentalmente suas frases para puxar papo quando percebe que eles já estão se despedindo). Less ainda tem esses medos, mas a passagem do tempo os remediou para ele. Mensagens e e-mails o livraram para sempre dos telefones. Máquinas de cartão de crédito surgiram em táxis. Uma oportunidade perdida pode entrar em contato on-line. Mas dor de cotovelo — como evitá-la senão renunciando ao amor por completo? No fim, essa foi a única solução que Arthur Less conseguiu encontrar.

Talvez isso explique por que ele concedeu nove anos a certo jovem.

Esqueci de mencionar que, em seu colo, há um capacete de cosmonauta russo.

Mas agora um pouco de sorte: do mundo exterior ao saguão, um sino dobra, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes, fazendo Arthur Less se levantar num pulo. Olhe para ele: encarando seu traidor, o relógio, então correndo para o balcão da recepção e fazendo — por fim — a pergunta temporal fundamental.

— Não consigo entender como você pôde ter pensado que eu era mulher.

— O senhor é um escritor tão talentoso, sr. Less. Conseguiu me enganar! E o que é isso que o senhor está carregando?

— Isso? A livraria me pediu que...

— Eu adorei *Matéria escura*. Tem uma parte que me lembrou Kawabata.

— Ele é um dos meus autores preferidos! *A antiga capital. Kyoto*.

— Eu sou de Kyoto, sr. Less.

— Sério? Vou visitar a cidade daqui a alguns meses...

— Sr. Less. Estamos com um problema...

Essa conversa se desenrola enquanto a moça do vestido de lã marrom o conduz por um corredor de teatro. A passagem está decorada com uma árvore cenográfica solitária, o tipo atrás da qual o herói de comédias se esconde; o resto são só tijolos pintados de um preto lustroso. Less e sua acompanhante correram do hotel para o local do evento, e ele já sente o suor transformando a camisa branca impecável numa transparência.

Por que ele? Por que convidaram Arthur Less? Um autor pouco importante cuja grande fama se deu por sua associação com a Escola do Rio Russian, formada por um grupo de escritores e artistas, um autor velho demais para ser novidade e jovem demais para ser redescoberto, que, num avião, jamais se sentou ao lado de alguém que tivesse ouvido falar dos seus livros. Mas Less sabe por quê. Não é nenhum mistério. Foi feita uma avaliação prospectiva: que escritor literário concordaria em se preparar para uma entrevista sem receber nada por isso? Precisava ser alguém extremamente desesperado. Quantos outros escritores do seu círculo responderam “nem pensar”? Até que ponto da lista eles foram antes que alguém dissesse: “E o Arthur Less?”

Ele é, de fato, um homem desesperado.

Ele ouve a plateia entoando um coro do outro lado da parede. Com certeza o nome H. H. H. Mandern. No último mês, Less devorou secretamente os livros de H. H. H. Mandern, aquelas operetas espaciais que no começo o deixaram horrorizado, com a linguagem simplória e os personagens que não passam de estereótipos risíveis, mas que depois o conquistaram com o talento inventivo, seguramente maior que o seu. O novo romance de Less, uma investigação cuidadosa da alma humana, parece um planeta-anão se comparado às constelações criadas por aquele homem. E, no entanto, o que há para perguntar? O que se pergunta aos escritores senão: “Como?” E a resposta, como Less bem sabe, é óbvia: “Sei lá!”

A acompanhante está tagarelando sobre a capacidade do teatro, as pré-vendas, a turnê do livro, o dinheiro, o dinheiro, o dinheiro. Ela avisa que H. H. H. Mandern parece ter sido vítima de uma intoxicação alimentar.

— O senhor vai ver — diz ela, e uma porta preta se abre para um cômodo iluminado, onde bandejas de frios se estendem sobre uma mesa dobrável. Ao seu lado há uma senhora grisalha de xale, e abaixo dela: H. H. H. Mandern vomitando num balde.

A senhora se vira para Arthur e olha de relance para o capacete espacial:

— Quem diabos é você?

Nova York: a primeira parada de uma viagem ao redor do mundo. Um acaso, na verdade, por Less estar tentando fugir de uma situação complicada. Está muito orgulhoso por ter conseguido tal feito. Foi um convite de casamento.

Pela última década e meia, Arthur Less vem mantendo o status de solteiro. Isso ocorreu depois de um longo período vivendo com Robert Brownburn, o poeta bem mais velho que ele, um túnel do amor no qual entrou aos 21 anos e do qual saiu, ofuscado pela luz do sol, aos 30 e poucos. Onde foi que ele se meteu? Em algum lugar por ali perdeu o primeiro estágio da juventude, como o primeiro estágio de um foguete; o propulsor havia caído, esvaziado, ficando para trás. E ali estava o segundo. E último. Ele jurou que não o daria a ninguém; ele o aproveitaria. Aproveitaria sozinho. Mas: como viver sozinho sem se sentir sozinho?

Isso foi resolvido pela pessoa mais inusitada: o ex-rival, Carlos.

Quando perguntado sobre Carlos, Less sempre o chamava de “um dos meus amigos mais antigos”. A data do seu primeiro encontro pode ser determinada com precisão: Memorial Day, 1987. Less se lembra até do que os dois vestiam: ele, uma sunga verde; Carlos, o mesmo, num amarelo-banana bem vivo. Cada qual com um spritzer de vinho branco na mão, como uma pistola, olhando para o outro de pontas opostas do deque. Uma música tocava: Whitney Houston querendo dançar com alguém. A sombra de uma sequoia entre eles. Com alguém que a amasse. Ah, ter uma máquina do tempo e uma filmadora! Registrar o esguio e rosa-dourado Arthur Less e o musculoso e moreno Carlos Pelu na juventude, quando seu narrador era só uma criança! Mas quem precisa de uma filmadora? Com certeza, para cada um deles, essa cena é repassada sempre que o nome do outro é mencionado. Memorial Day, spritzer, sequoia, alguém. E cada um sorri e diz que o outro é “um dos meus amigos mais antigos”. Quando, evidentemente, eles se odiaram de imediato.

Entremos naquela máquina do tempo, afinal, mas para desembarcar quase vinte anos depois. Nos encontremos na São Francisco de meados dos anos 2000, uma casa numa das suas ladeiras, na Saturn Street. Uma dessas criaturas erguidas sobre estacas, a parede de vidro revelando um piano de cauda jamais usado e um grupo composto basicamente de homens comemorando um dos vários aniversários de 40 daquele ano. Entre eles: um Carlos mais

corpulento, para o qual o amante de longa data havia deixado algumas propriedades ao morrer, e que transformou esses imóveis num império que incluía holdings no Vietnã, na Tailândia e, até, Less ficou sabendo, um resort ridículo na Índia. Carlos: o mesmo perfil distinto, mas já sem nenhum vestígio daquele jovem musculoso de sunga amarelo-banana. Foi uma caminhada tranquila para Arthur Less, da casinha de madeira em que agora morava sozinho na Vulcan Steps. Uma festa; por que não? Escolheu um traje lessiano — calça jeans e camisa de caubói, apenas ligeiramente equivocado — e desceu a rua em direção a casa.

Enquanto isso, imagine Carlos, sentado numa cadeira pavão, sendo o centro das atenções. Ao lado dele, com 25 anos, de calça jeans preta, camisa de malha e óculos tartaruga redondos, os cabelos castanhos cacheados: seu filho.

Meu filho, lembro-me de Carlos alardeando para todos quando o menino surgiu, então recém-chegado à adolescência. Mas não era filho dele — era um sobrinho órfão, enviado ao parente vivo mais próximo, em São Francisco. Como posso descrevê-lo? Olhos grandes, cabelos castanhos queimados de sol e um comportamento truculento para a época, ele se recusava a comer legumes e verduras ou a chamar Carlos de qualquer coisa que não Carlos. Seu nome era Federico (mãe mexicana), mas todos o chamavam de Freddy.

Na festa, Freddy ficava olhando pela janela, para onde a cerração apagava o centro da cidade. A essa altura já comia

legumes e verduras, mas ainda chamava o pai adotivo de Carlos. Com aquele terno, parecia dolorosamente magro, o peito côncavo, e, embora lhe faltasse a verve da juventude, Freddy tinha todas as paixões dela; nós poderíamos nos sentar com um saco de pipoca e assistir a todos os romances e comédias que a mente dele projetava no rosto, e as lentes dos óculos tartaruga exibiam seus pensamentos em espirais, como as películas iridescentes das bolhas de sabão.

Freddy se virou ao ouvir seu nome; era uma mulher de terninho de seda branco e colar de contas de âmbar, com uma *vibe cool* de Diana Ross.

— Freddy, meu amor, fiquei sabendo que você voltou a estudar.

O que ele queria ser depois de se formar?, perguntou ela delicadamente.

Sorriso orgulhoso:

— Professor de inglês do ensino médio.

Isso fez o rosto dela florescer.

— Meu Deus, que coisa boa de ouvir! Eu nunca encontro jovens querendo lecionar.

— Para ser sincero, acho que basicamente é porque eu não gosto de gente da minha idade.

Ela pegou a azeitona do martíni.

— Isso vai dificultar a sua vida amorosa.

— Pode ser. Mas, na verdade, eu não tenho vida amorosa nenhuma — disse Freddy, dando uma golada no champanhe, terminando-o.